

VAIRĀGYA-ŚATAKAM

De BHARTRHARI

(Os Cem Versos Sobre Renúncia)

Tradução do original para o inglês por Swami Madhavananda¹

1. Toda glória a Śiva, a Luz do Conhecimento, que reside no templo do coração dos *yogis*, que destrói (como o sol nascente) a densa face da noite sem fim da ignorância que cobre as mentes humanas, em cujo rastro seguem toda a prosperidade e o que é auspicioso, que queimou a luxúria frívola como uma mariposa, como que por esporte, e que aparece radiante com os raios da lua crescente que adorna sua testa — raios que se mostram agradáveis como suaves botões meio desabrochados!
 2. Muitos são os lugares inacessíveis e perigosos que tenho viajado e ainda assim não obtive riquezas; sacrificando a dignidade própria do nascimento e posição social, em vão tenho servido os ricos; como os corvos me alimentei, desprovido de autorrespeito, na casa de outros na expectativa de ganho; e ainda, ó desejo, tu instigador de más ações, estás crescendo mais vigoroso e ainda não estás satisfeito.
 3. Cavei a terra em busca de minerais preciosos, e fundi metais das rochas; atravessei o oceano, e busquei com zelo o favor dos reis; passei noites em locais de crematórios, com a mente ocupada em *mantras* e adoração²; e nem mesmo uma única *caurī* quebrada obtive; sacia-te, pois, ó Desejo!
- [“*Caurī*” refere-se a pequenas conchas usadas antigamente como moeda em algumas culturas, simbolizando aqui algo de mínimo valor.]
4. Em nosso servil atendimento aos (ricos) perversos, suas grosseiras maneiras e palavras suportamos como pudemos; reprimindo lágrimas que jorravam de nossos corações, sorrimos com mentes vazias; reverências fizemos a tolos

¹ Swami Madhavananda (1888-1965) foi o nono Presidente da Ordem Ramakrishna.

² Isto faz parte dos ritos misteriosos que devem ser realizados por aqueles que invocam forças sobrenaturais para obter riquezas.

embrutecidos por riqueza excessiva; em que mais coisas idiotas desejas que eu dance, ó Desejo, tu de ânsia insaciável!

5. O que não tentamos fazer, com nossa consciência depravada, por causa de nossos *prāṇas* (as cinco forças vitais) — tão instáveis quanto a água sobre as folhas de um lótus —, quando, diante dos ricos, de mentes entorpecidas pelo orgulho da fortuna, cometemos, sem vergonha, o pecado de proclamar nossos próprios méritos!

[Segundo as escrituras, a autoglorificação equivale até mesmo ao pecado do suicídio.]

6. Perdoamos, mas não por perdão (e sim por nossa incapacidade de reparar nossos erros); renunciemos aos confortos do lar, mas não por contentamento após a saciedade (e sim como exilados em busca de riquezas); embora tenhamos suportado as intempéries, frio e calor tão difíceis de suportar, ainda assim não foram austeridades religiosas que praticamos; com as forças vitais contidas, noite e dia meditamos sobre o dinheiro, e não sobre os pés de Śiva; assim, realizamos os mesmos atos que os *munis* (eremitas santos) realizam, mas de seus bons efeitos nos privamos a nós mesmos.
7. Os prazeres mundanos não os desfrutamos, mas fomos nós mesmos devorados; nenhuma austeridade religiosa praticamos, mas fomos nós mesmos que nos queimamos; o tempo não se foi (pois é sempre presente e infinito), mas nós é que nos vamos (com a morte que se aproxima). O Desejo não perdeu sua força, embora nós mesmos estejamos reduzidos à senilidade.
8. O rosto foi assaltado por rugas, a cabeça embranquecida por cabelos grisalhos, os membros todos enfraquecidos; mas só o desejo se rejuvenesce.
9. Embora meus companheiros, queridos como a própria vida, já tenham partido tão depressa para o céu (antes de serem alcançados pela velhice); embora o impulso pelo prazer esteja esgotado e o respeito que inspirava em todos, perdido; embora minha visão esteja obstruída por densa escuridão (ou catarata) e o corpo só se levante lentamente apoiado no cajado — ainda assim, ah! pela sua tolice, este corpo estremece ante o pensamento da dissolução pela morte!
10. A esperança é como um rio caudaloso, cujas águas são os desejos incessantes; agita-se com as ondas de anseios ardentes, e os apegos a vários objetos são suas feras selvagens; pensamentos astutos de cobiça são as aves aquáticas que nele

abundam, e destrói em seu curso as grandes árvores da paciência e fortaleza; torna-se intransponível pelos redemoinhos da ignorância, e, sendo de leito profundo, suas margens de deliberação ansiosa são verdadeiramente íngremes. Tal rio os *yogis* de mente pura atravessam para desfrutar da suprema felicidade.

11. Não vejo que a distinção virtuosa (obtida por observâncias ritualísticas) através de vidas sucessivas seja verdadeiramente benéfica, pois o acúmulo desses méritos virtuosos, quando ponderado pela mente, inspira-me temor. Os prazeres conquistados por grande acúmulo de mérito multiplicam-se tanto para os apegados a eles, que só lhes trazem miséria e perigo!
12. Os objetos de prazer, mesmo após permanecerem conosco por longo tempo, certamente nos deixarão algum dia; então, que diferença faz sua privação desta forma para os homens, que não os descartam por própria vontade? Se os prazeres nos deixam por iniciativa própria, ou seja, se são arrancados de nós, produzem grande aflição da mente; mas se os homens voluntariamente os renunciam, conduzem à eterna bem-aventurança do autocontrole.
13. Ah! Certamente é uma façanha difícil aquela que as pessoas, com suas mentes purificadas pelo discernimento oriundo do conhecimento de Brahman, realizam, pois, livres do desejo, elas renunciam completamente àquela riqueza que realmente lhes têm trazido gozo; enquanto nós falhamos em abandonar os prazeres que colhemos como meros anseios e que nunca concretizamos no passado, nem realizamos no presente, nem podemos contar que perdurem quando obtidos (no futuro).
14. Bem-aventurados são aqueles que habitam as cavernas das montanhas, meditando em Brahman, a Luz Suprema, enquanto pássaros, sem medo, pousam em seus colos e bebem as lágrimas de êxtase (que derramam em meditação); enquanto nossa vida escoá-se rapidamente no frenesi das festas em mansões palacianas, ou às margens de lagos refrescantes, ou em jardins de prazer — tudo criado (e alimentado) apenas pela imaginação.
15. Como alimento, tenho o que a mendicância me traz — e ainda assim insípido, apenas uma vez ao dia; como leito, a terra; como servo, o próprio corpo; como vestes, uma coberta esfarrapada, remendada cem vezes! E ainda, ai de mim! Os desejos não me abandonam!

16. Os seios [femininos] são apenas glândulas de carne, mas são comparados a urnas de ouro. O rosto é uma morada de mucosidade, mas ainda assim é comparado à lua. Os quadris estão constantemente umedecidos pela urina e semelhantes a testa de um elefante. Ainda assim, os poetas os exaltam como algo de extrema beleza.

17. Entre os sensuais, Śiva é singular — dividindo metade de Seu corpo com Sua amada³, e entre os desapegados, não há ninguém superior a Ele, livre do convívio com mulheres; enquanto o restante da humanidade, feridos e atordoados pelas irresistíveis flechas envenenadas — como serpentes — de Cupido, e dominada pela paixão do Amor, não pode nem desfrutar seus desejos nem renunciar a eles à vontade.

[Pessoas comuns, quando se entregam aos prazeres, perdem todo o controle e tornam-se escravas deles; assim, mesmo quando a saciedade chega, elas não conseguem se desapegar deles, pois a força do apego cego as escravizou. Mas Shiva, que subjugou Sua mente, é inalterado por eles, pois em Seu estado de equilíbrio mental do yoga, prazer e dor são a mesma coisa para Ele.]

18. Sem conhecer seu poder abrasador, o inseto lança-se no fogo ardente; o peixe, por ignorância, engole a isca presa ao anzol; enquanto nós, mesmo possuindo pleno discernimento, não renunciamos aos desejos sensuais — tão intricados e repletos de perigos múltiplos. Ah! Quão insondável é o poder da ilusão!

19. Quando a boca resseca de sede, o homem bebe alguma bebida fresca (ou adoçada); quando sofre de fome, devora arroz cozido tornado delicioso com carne e outros; quando ardendo de luxúria, abraça avidamente sua esposa — assim, a felicidade não passa do remédio para essas doenças (fome, sede e luxúria). E eis como o homem (ou seja, seus sentidos) se perturba em sua busca!⁴

20. Donos de altos palácios, de filhos honrados pelos sábios, de riquezas incontáveis, de uma esposa amada e virtuosa, e ainda na flor da idade — e pensando neste mundo como permanente, os homens, iludidos pela ignorância, correm para esta prisão da vida mundana. Enquanto

³ Isto se refere à representação simbólica de Śiva e Gaurī (Pārvatī) em uma única forma dividida.

⁴ O ponto principal a ser compreendido é que a felicidade mundana não passa de um remédio temporário que buscamos constantemente para as doenças inerentes à vida terrena. Quando essa natureza relativa e fugaz da felicidade se torna evidente para nós, naturalmente deixamos de persegui-la e passamos a buscar a paz permanente na renúncia.

verdadeiramente abençoado é aquele que, reconhecendo a impermanência deste mesmo mundo, o renuncia.

21. Se alguém visse sua esposa aflita, sem alimento, e angustiada ao ver filhos famintos a chorar, com olhares suplicantes a puxar suas roupas gastas – que homem de amor-próprio, apenas para saciar seu próprio estômago mesquinho, pronunciaria um “me dê” com voz trêmula, engasgada na garganta pelo medo de seu pedido ser recusado?
22. O poço do nosso estômago, tão difícil de saciar, é de fato a raiz de não pouca ruína: ele é engenhoso em cortar, por assim dizer, os nós vitais do nosso precioso amor-próprio; é como a luz brilhante da lua sobre o lótus (daquela espécie que só floresce ao sol) das virtudes mais estimáveis; é o machado que derruba as trepadeiras luxuriantes da nossa grande modéstia.
23. Para saciar a cavidade do estômago faminto, um homem de amor-próprio vagueia de porta em porta com uma tigela de mendigo de barro (na mão), sua borda coberta por pano branco, por extensas florestas ou lugares sagrados – cujas periferias cinzentas se enchem com a fumaça dos fogos sacrificiais mantidos por brâmanes versados em ritos. Assim ele preserva os *prāṇas*, preferindo isso a viver como mendigo, dia após dia, entre aqueles que são seus iguais sociais.⁵
24. Ah! Terão aquelas solitudes do Himalaia, refrescadas pelo borribo das minúsculas ondas do Ganges e repletas de belos planaltos rochosos – como aquelas moradas dos *Vidyādhara*s⁶ – desaparecido por completo, que os homens em desgraça agora dependem de outros para seu sustento?

⁵ Deve-se lembrar que viver de esmolas, para um homem de verdadeira renúncia, é altamente estimado na Índia, pois nenhum mérito social pode ser maior do que abandonar o mundo em nome do ideal nacional de espiritualidade.

⁶ Os *Vidyādhara*s são seres sobrenaturais com habilidades artísticas sobre-humanas, especialmente na música.

25. Ou será que todas as ervas e raízes desapareceram das cavernas, e que os riachos secaram nas encostas das colinas, ou que os galhos das árvores, carregados de frutos suculentos e de cascas nutritivas, foram todos destruídos, que agora vemos os rostos dos infelizes – totalmente desprovidos de nobreza – com suas sobrancelhas dançando como trepadeiras ao vento, numa arrogância nascida dos míseros ganhos que conquistam com tanto esforço?
26. Portanto, agora, aceitando frutos e raízes, ordenados como sagrados, para o mais prazeroso meio de sustento, e (assim também) a terra (para deitar-se) com ramos frondosos e verdes para o teu leito, oh, levanta-te, vamos retirar-nos para a floresta, onde nem sequer se ouve o nome dos ricos ignóbeis cujas mentes são entorpecidas pela indiscrição e cuja fala está constantemente delirante com os males da riqueza.
27. Embora os frutos das árvores sejam facilmente obtidos à vontade em toda floresta, embora haja bebida fresca e revigorante em riachos sagrados em vários lugares e leito macio feito de ramos tenros e trepadeiras, ainda assim (ai!) os homens afligidos pela cobiça sofrem pesares às portas dos ricos.
28. Repousando em um leito de pedra dentro de uma caverna na montanha, durante os intervalos da meditação, (bem) posso recordar com um sorriso interior os dias daqueles afligidos por suas súplicas diante dos ricos, ou daqueles tornados vis por suas mentes satisfeitas em buscar prazeres.
29. A felicidade daqueles a quem a satisfação incessantemente torna alegres não é interrompida, enquanto os desejos dos ávidos e de mentes perturbadas jamais se saciam. Sendo assim, para quem o Criador fez o Meru, representando riquezas inconcebíveis, mas reservando a si mesmo o esplendor de seu ouro? Eu não o cobiçaria.
- [A ideia é que Meru, a montanha de ouro (da fábula), não serve a nenhum propósito útil para ninguém, e, portanto, eu não iria atrás dela: porque aqueles que estão contentes sentem-se bastante felizes sem possuí-la, e aqueles que anseiam por riqueza nunca se sentem satisfeitos, por maiores que possam ser suas aquisições. Seu ouro apenas serve para glorificar a si mesma, mas não para satisfazer os gananciosos.]
30. Os grandes *yogis* descrevem o alimento obtido pela mendicância da seguinte forma: não humilha (vide versículo 23); é um prazer independente (isto é, não depende do prazer de ganhar dinheiro, cumprir deveres sociais, etc.); é em todos os aspectos livre de qualquer temor ansioso (ou seja, sobre gastos, reservas de

comida, etc.); destrói o orgulho perverso, o egoísmo e a impaciência; erradica os múltiplos males da existência mundana; está facilmente disponível em qualquer lugar, a qualquer dia, sem esforço; é amado pelos homens santos; é uma purificação por si mesmo; é como o inexaurível refeitório de Śiva, cujo acesso ninguém pode impedir.

31. No gozo, há o temor da doença; na posição social, o temor da decadência; na riqueza, o temor dos reis (hostis); na honra, o temor da humilhação; no poder, o temor dos inimigos; na beleza, o temor da velhice; na erudição das escrituras, o temor dos oponentes; na virtude, o temor dos difamadores; no corpo, o temor da morte. Todas as coisas deste mundo pertencentes ao homem são acompanhadas de temor; só a renúncia representa o destemor.

32. O nascimento é atacado pela morte; a juventude radiante, pela velhice; a satisfação, pela cobiça; a felicidade do autocontrole, pelas artimanhas das mulheres frívolas; as virtudes, pela inveja dos homens; as regiões selvagens, pelas feras; os reis, pelos perversos (por conselho); e até os poderes são corrompidos por sua evanescência. O que há na terra que não seja atacado por algo mais?

33. A saúde dos homens é destruída (arrancada) por centenas de aflições variadas do corpo e da mente; onde quer que esteja Lakshmi (a deusa da prosperidade), os perigos encontram acesso livre; a morte certamente anexa a si, tornando impotente muito em breve, tudo o que nasce repetidamente. Então, o que é criado como estável pelo Criador absoluto?

34. Os prazeres são instáveis como o quebrar das ondas altas, a vida está sujeita a rápida dissolução; o ardor da felicidade juvenil, centrada em nossos objetos de amor, dura poucos dias. Compreendendo que todo o mundo é insubstancial, ó sábios mestres dos homens, com mentes voltadas para beneficiar a humanidade (vivendo vidas exemplares), empregai vossas energias (para alcançar a bem-aventurança suprema).⁷

35. Os prazeres dos seres encarnados são fugazes como o rápido brilho do relâmpago dentro de uma massa de nuvens; a vida é tão insegura quanto uma

⁷ O sentido é que, por simpatia pela humanidade sofredora, vós deveis, por vossas vidas exemplares e vossos conselhos, mostrar aos homens o caminho para cruzar o oceano do *saṃsāra* (mundo).

gota d'água presa à borda de uma folha de lótus, dispersa pelo vento; os desejos da juventude são inconstantes. Reconhecendo isso rapidamente, que os sábios fixem firmemente suas mentes no *yoga*, facilmente alcançável pela paciência e pela equanimidade.

36. A vida é mutável como uma grande onda, a beleza da juventude permanece por poucos dias; as posses terrenas são tão passageiras quanto um pensamento; toda a série de nossos prazeres é como (ocasionais) relâmpagos durante as monções; o abraço ao redor do pescoço dado por nossos amados dura apenas um instante. Para atravessar o oceano (do temor) do mundo, fixai vossa mente em Brahman.

37. No ventre, o homem jaz entre matéria impura, em desconforto, com membros contorcidos; na juventude, o prazer é manchado pelo intenso sofrimento da distração mental que surge da separação dos amados; até a velhice (é indesejável), sendo alvo do riso desdenhoso das mulheres. (Então) ó homens, dizei: há sequer uma partícula de felicidade neste mundo?⁸

38. A velhice surge (à frente) assustando os homens como uma tigresa; diversas doenças afligem o (corpo humano) como inimigas; a vida escoar como água vazando de um vaso rachado; e ainda assim, quão espantoso é que o homem persista em cometer ações perversas!

39. Múltiplos e transitórios por natureza são os prazeres, e disso é feito este mundo. Então, por que vagueias por aqui, ó homens? Cessai vossos esforços (por eles); e se depositais fé em nossa palavra, em seu Alicerce Supremo (lit. morada) concentraí vossa mente, purificada ao extinguir a esperança com suas cem redes, e libertada de sua tendência a criar desejo.⁹

40. Há um único Prazer, e apenas um — perene, imutável e supremo — cujo sabor torna insípidas as maiores posses, como o governo dos três mundos. Nele estabelecido, até Brahmā, Indra ou os deuses (suas posições) parecem

⁸ A ideia é que nenhuma das etapas da vida, desde o embrião, vale a pena ser vivida, pois todas estão sujeitas a graves inconvenientes.

⁹ Os prazeres são transitórios individualmente e inexauríveis coletivamente, então estamos em uma perseguição interminável e fútil que traz, alternadamente, estímulo e sofrimento. O desejo produz este terrível emaranhado, e a esperança o mantém. Portanto, não te esforces por estes prazeres, mas, libertando tua mente da esperança e do desejo, eleva-a ao seu supremo objetivo. Este é o argumento.

partículas de grama. Ó *sādhū*, não fixes teu coração em qualquer prazer efêmero que não seja este.

41. Aquela adorável cidade, aquele grandioso monarca e seu círculo de reis feudatários, aquelas astutas cortes de conselheiros e as belezas com rostos como luas, o grupo de príncipes caprichosos, os bardos da corte e seus hinos de louvor – sob cujo poder tudo isso se dissipou e tornou-se memória, àquele *Kāla* (tempo ou princípio de mudança), saudação!
42. Onde outrora havia muitos em algum lar (ou casa, no tabuleiro de xadrez), agora há um, e onde havia um ou muitos sucessivamente, no final não resta nenhum – este é o processo em que o hábil *Kāla* joga (seu jogo) no tabuleiro deste mundo, usando seres vivos como peças a mover, lançando os dois dados do dia e da noite.
43. Diariamente, com o nascer e o pôr do sol, a vida se encurta, e o tempo (sua fuga) não é percebido devido aos afares carregados de múltiplas atividades. Nem mesmo o temor surge ao contemplar o nascimento, a morte, a velhice e os sofrimentos. (Ah!), o mundo enlouqueceu ao beber o vinho entorpecente da ilusão.
44. Ainda que vejamos a mesma noite sempre seguindo o mesmo dia, em vão as criaturas persistem em sua corrida mundana, ocupadas em múltiplas atividades movidas por impulsos ocultos (resoluções mentais individuais). Ah! Ilusionados, não sentimos vergonha de sermos assim enganados por este *saṃsāra* (vida) com suas ocupações onde os mesmos ciclos eternamente se repetem!¹⁰

[Os três versos (n.º 45, 46, 47)¹¹ soam uma nota bastante atípica. Aqui, o poeta personifica um homem cuja vida foi, como uma lâmpada ardendo em uma moradia abandonada, um completo fracasso. Tal homem rememora seus anos juvenis de absoluta indignidade. Mas seriam essas reflexões típicas daqueles no limiar da verdadeira renúncia? De modo algum são típicas. O poeta simplesmente apresenta um caso particular de um aspirante à renúncia que

¹⁰ A ideia é: Quão profundamente iludidos pelo desejo vivemos! Pois ele, nunca envelhecendo, faz todas as coisas parecerem frescas e novas – quando, na verdade, nenhuma busca mundana tem real novidade. São tão repetitivas quanto a aparência uniforme do dia e da noite que incessantemente se sucedem.

¹¹ Esses três versos não foram incluídos aqui, pois o autor apenas os colocou em caracteres *devanagari* e uma parcial tradução para o inglês. Por isso não foram incluídos aqui. (nota do tradutor)

melhor serve a seus propósitos poéticos. Este aspirante não provou na juventude nenhuma glória — nem como homem piedoso, filho dedicado, estudioso erudito, guerreiro valente ou amante de mulheres. Ele parece lamentar que nenhum dos quatro objetivos da vida humana (*Dharma*, mérito religioso; *Artha*, riqueza; *Kama*, satisfação dos desejos; e *Moksha*, liberação) tenha sido perseguido no passado com o mínimo sucesso. Talvez queira sugerir que isso melhor lhe imprimiu na mente a vaidade de todos os fins da vida doméstica. Mas essa impressão de vaidade e consequente desapego pode igualmente surgir — e com maior completude — em homens capazes de triunfar na vida, os quais podem não olhar para trás com qualquer arrependimento pelos prazeres que deixam, tenham ou não colhido seus frutos. Há até certa inconsistência no tom de lamentação nestes versos. Porém o poeta estava mais interessado no efeito dramático do que na precisão psicológica.]

48. Aqueles de quem nascemos, pois bem, agora repousam na eternidade (há muito estão mortos); aqueles com quem crescemos também se tornaram meras lembranças. E agora (que nos tornamos velhos), aproximamo-nos cada dia mais de nossa queda, nossa condição sendo comparável à das árvores à beira da margem arenosa de um rio.
49. A vida do homem (como ordenada) limita-se a cem anos; metade é gasta na noite, e da outra metade, a metade se passa na infância e velhice; o restante, com doenças, lutos e aflições, consome-se servindo outros. Que felicidade pode haver para os mortais numa vida mais incerta que as ondulações na superfície da água?
50. Agora criança por um tempo, depois jovem de modos eróticos, agora indigente, depois opulento — como um ator, o homem faz, ao final de seu papel, quando os membros enfermos pela idade e o corpo todo enrugado, sua saída de cena, atrás da cortina que vela a morada de Yama (a morte).
51. Tu és um rei; nós também somos elevados pela confiança em nossa sabedoria, adquirida do mestre a quem servimos. Tu és celebrado por tuas posses; nossa fama é difundida em todas as direções pelos eruditos. Assim, há grande diferença entre nós, marcada por honras e riquezas. Se és indiferente a nós, nós também somos plenamente indiferentes a ti.¹²

¹² O *śloka* é dirigido por um *yati* (aquele que renunciou ao mundo) a um rei. O *yati* busca demonstrar ao rei a vaidade de suas posses, proclamando que um *yati* é superior ao monarca. Pois o rei só é rico em bens materiais, enquanto ele é rico em sabedoria — que deveria até mesmo comandar o respeito de um rei.

52. Tu exerces poder régio sobre riquezas, nós o fazemos sobre as palavras (isto é, ideias ou escrituras) em todos os seus sentidos. Tu és um herói (em batalha), enquanto nós dominamos, com perícia infalível, os métodos para subjugar o orgulho dos contendores. Os ricos servem a ti, enquanto os que buscam a sabedoria (verdades superiores) servem a nós para ter todas as imperfeições da mente destruídas. Se não tens consideração por mim, pois bem, ó rei, eu tampouco tenho absolutamente nenhuma por ti.
53. Aqui estamos satisfeitos com a casca das árvores e tu com vestes ricas; (e ainda) nosso contentamento é igual, (logo) a distinção não faz diferença. Pobre de fato é aquele cujos desejos são sem limites. Se a mente estiver satisfeita, quem é rico e quem é pobre?¹³
54. Frutos como alimento, água saborosa para beber, chão descoberto para repousar, cascas de árvores como vestes, são suficientes (para nós). Não posso aprovar o mau comportamento dos homens perversos, cujos sentidos são desviados por beberem o vinho da riqueza recém-adquirida.
55. Comamos o alimento que mendigamos; que o céu seja nossa vestimenta; deitemo-nos sobre a superfície da terra; o que temos nós com os ricos?
56. Quem somos nós para ir ver um rei — não somos dançarinos, bobos da corte ou cantores, nem especialistas em disputas (eruditas) com outros em uma corte, nem jovens cortesãs! (Ou seja, não temos absolutamente nenhum motivo para ir a um rei.)
57. Nos tempos antigos, (o reino) deste mundo foi criado por alguns monarcas de grande coração; por alguns foi sustentado (isto é, governado) e por outros foi conquistado e dado como palha. Ainda agora, alguns heróis desfrutam das catorze divisões do mundo¹⁴. Para quê, então, esse orgulho febril dos homens que têm soberania sobre apenas algumas cidades?

¹³ Aquele que se satisfaz com o pouco que possui é tão bom quanto o rico.

¹⁴ Catorze divisões do mundo, ou seja, o universo inteiro.

58. Que alta dignidade, ai, há para os reis em conquistar essa terra que nunca, por um momento, ficou sem ser desfrutada por centenas de governantes! Os estúpidos donos até de um fragmento de uma fração de sua fração (isto é, da partícula mais ínfima) sentem-se deleitados, quando, pelo contrário, deveriam se entristecer!
59. Ela (a terra) não passa de um pedaço de argila cercado por um anel de água! Até mesmo toda ela é apenas uma partícula. Hostes de reis, após dividi-la depois de centenas de batalhas, desfrutam dela. O que há de tão estranho se essas mesmas pessoas muito pobres e insignificantes podem dar ou dão¹⁵ (algumas partes dela)? Mas verdadeira vergonha daqueles indivíduos mesquinhos que mendigariam moedas até mesmo deles!
60. Verdadeiramente grande é o homem cujo crânio branco (após a morte) é colocado por (Śiva) o inimigo de Madana (Cupido) no alto da cabeça como um ornamento; e de que vale essa febre de orgulho excessivo nos homens, que hoje são adorados por alguns com mentes voltadas à preservação de suas próprias vidas?
61. Por que, ó coração, te empenhas em conquistar graças tão difíceis de obter, propiciando diariamente as mentes alheias de tantas maneiras? Quando, sereno por dentro e livre da sociedade, tens gemas de pensamento brotando por si mesmas (isto é, quando os desejos não forcem teu pensar), que objetos o mero desejo não traria a ti?
62. Por que vagueias em vão, ó minha mente? Repousa em algum lugar. Tudo o que acontece de certa forma, acontece por si mesmo, e não de outro modo. Assim, sem pensar no passado, nem planejar o futuro, desfruto de prazeres que vêm sem engajar meus pensamentos.
63. Desista, ó coração, do labirinto perturbador dos objetos sensoriais; toma o caminho do (supremo) bem que é capaz de trazer, num momento, a destruição de aflições sem fim; eleva-te ao estado do teu Ātman; abandona teu fluxo agitado como um rio; acalma-te agora e nunca mais busques apegos transitórios deste mundo.

¹⁵ Para se saciar em um pouco de autogratificação.

64. Dissipa a ilusão e cultiva a devoção a Ele, cuja coroa é adornada com o crescente. Ó minha mente, aceita o apego a algum lugar nas margens do rio celestial (Ganges). Que confiança se pode ter em ondas ou bolhas, em relâmpagos ou (nos sorrisos da) fortuna, nas línguas de fogo, serpentes ou em grupos de amigos?
65. Ó minha mente, nunca, nem por um momento, consideres seriamente a frágil deusa da fortuna, cujo ofício é vender-se enquanto se move em seu refúgio — a ruga na testa de um rei (ou seja, o acordo é selado pelo sorriso ou pelo cenho de reis). Vistamo-nos de trapos rasgados e, adentrando as portas das casas nas ruas de *Varanasi*¹⁶, aguardemos que a esmola seja depositada na concha de nossas mãos.
66. Se houver cantos diante de ti, doces (e hábeis) poetas do Sul ao teu lado, e o tilintar das pulseiras das servas que agitam *chamars*¹⁷ em suas mãos, então, ó minha mente, entrega-te generosamente ao gozo da felicidade mundana. Mas se não, — mergulha então na meditação absoluta.
- [O argumento neste *shloka* é que, se puderes encontrar apenas prazer por toda parte, então desfruta — mas, na realidade, tal prazer não se encontra neste mundo de sofrimento. Todos os gozos mundanos são transitórios e limitados. Pois no próximo *shloka* veremos que o autor prega a inutilidade da satisfação dos desejos terrenos.]
67. Embora os seres encarnados possam alcançar essa prosperidade da qual todos os desejos são cumpridos, e daí? Que importa se seus pés repousam sobre as cabeças de seus inimigos? Ou que vale se sua riqueza atrai amigos, ou se seus corpos perduram até o fim do ciclo da criação?
68. Quando há devoção a Śiva no coração, quando existe o temor do ciclo de nascimentos e mortes, quando não há apego à família nem excitação por paixões carnavais — quando se possui a solidude das profundezas florestais, não corrompida pela companhia (dos homens mundanos), e quando há renúncia — o que mais se poderia desejar?
69. De que vale toda essa agitação em torno do irreal? Medita, pois, nesse Supremo, infinito, sem idade, resplandecente Brahman, à cuja luz todos os gozos — como a soberania do mundo — parecem meros desejos de homens dignos de piedade!

¹⁶ Cidade sagrada de Benares.

¹⁷ Abanadores cerimoniais.

70. Assim agitado, ó mente, tu (ora) mergulhas nas regiões infernais, (ora) elevaste além dos céus, e vagueias pelos quatro quadrantes. Por que nem mesmo por descuido te concentras uma só vez nesse Brahman, de natureza idêntica ao Ser e isento de toda imperfeição, através do qual poderias alcançar a bem-aventurança suprema?

71. Que valem os *Vedas*, os *Smritis*, as leituras dos *Puranas*, os vastos *Shastras* ou os labirintos dos rituais, que nos dão como fruto um lugar no céu — esse céu que não passa, por assim dizer, de uma aldeia (espalhada) com cabanas! Tudo mais é mero regateio de mercadores, exceto o único caminho que leva ao estado de suprema bem-aventurança no próprio Ser, e que é como o fogo final que consome a massa crescente de misérias mundanas.

[Os *Shastras*, referindo-se aqui à lógica, gramática, etc., e os seis sistemas de filosofia, são chamados de “vastos” devido à amplitude de comentários, ilustrações e argumentos com que seus princípios foram desenvolvidos.]

72. Ao ver que, quando envolto pelas chamas da destruição cíclica¹⁸, o imponente monte Meru desmorona, os oceanos — morada de inúmeros tubarões e criaturas aquáticas — secam por completo, e a própria Terra (mesmo sustentada pelos pés das montanhas)¹⁹ chega ao fim, que dizer então deste corpo, tão instável quanto a ponta da orelha de um elefante jovem!

73. (Na velhice) o corpo enruga-se, o andar torna-se vacilante, os dentes caem, a visão desaparece, a surdez aumenta, a secreção escorre da boca, os parentes desprezam (suas) palavras, a esposa não cuida, e até o filho volta-se hostil. Ah, o sofrimento do homem consumido pela idade!

74. Ao avistarem os cabelos grisalhos na cabeça de um homem, emblemas da derrota imposta pela velhice, as mulheres jovens fogem imediatamente dele, como se fugissem de um poço de *Chandala*²⁰ como onde é colocada uma estrutura de ossos!

¹⁸ A conflagração cósmica no fim de um ciclo.

¹⁹ De acordo com a mitologia hindu, as montanhas são consideradas os sustentáculos da Terra.

²⁰ Pessoa intocável no antigo sistema de castas, aqui associada a morte e impureza. (nota do tradutor)

75. Enquanto este corpo está livre de doenças e decrepitude, enquanto a senilidade está distante, enquanto as faculdades dos sentidos permanecem intactas e a vida não se esvai, os sábios devem empregar esforços vigorosos em busca de seu bem supremo — pois quando a casa está em chamas, de que vale começar a cavar um poço (para buscar água)?
76. Viveremos às margens do rio celestial praticando austeridades, ou serviremos afavelmente (nossas) esposas adornadas de virtudes? Beberemos das correntes das escrituras sagradas, ou do néctar da diversa literatura poética? O homem, cuja vida dura o piscar de olhos, não sabe qual (desses) caminhos escolher!
77. Esses governantes do mundo têm mentes inquietas como cavalos e, portanto, são difíceis de agradar, enquanto nós ambicionamos com mentes voltadas para ganhos vastos; a idade rouba a força corporal e a morte ceifa esta preciosa vida. Ah! amigo, nada é proveitoso para o sábio neste mundo, exceto a prática de austeridades!
78. Quando a honra murchou, a riqueza acabou, quem pedia favores partiu desiludido, os amigos rarearam, os servos abandonaram, e a juventude definhou — resta apenas uma coisa apropriada ao sábio: refugiar-se num bosque às margens de um vale dos Himalaias, onde as rochas são purificadas pelas águas do Ganges.
79. Deleitosos são os raios da lua, deleitosos os prados nos arredores da floresta, deleitosa é a companhia dos sábios, deleitosas as narrativas da literatura poética, e deleitoso o rosto da amada nadando em lágrimas de (fingida) ira. Tudo é encantador — mas nada é assim quando a mente compreende a transitoriedade das coisas.
80. Não é agradável habitar um palácio? Não é deleitosa a música com seus acompanhamentos? Não é a companhia das mulheres, tão queridas quanto a própria vida, extremamente prazerosa? Ainda assim, os sábios partiram para a floresta, vendo tais coisas tão instáveis quanto a sombra de uma chama oscilante ao bater das asas de uma mariposa iludida.

81. Oh querido! Em nossa busca pelos três mundos desde o início da criação, jamais encontramos — nem por vista nem por relato — algo que possa fazer o papel de uma armadilha controladora para o elefante da mente quando enlouquecido pela misteriosa e profunda paixão pela elefanta dos objetos sensoriais.

82. Esta liberdade de vagar, este alimento sem mácula, a companhia de homens santos, o cultivo da sabedoria védica — cujo único fruto (diferente de outros votos) é a paz espiritual — e a mente controlada em seus impulsos para com as coisas externas: para tal realização, não conheço, mesmo após reflexão vitalícia, quais nobres austeridades poderiam conduzir!²¹

83. Os desejos se esvaíram em nosso coração. Ai! A juventude também já abandonou este corpo. As virtudes mostraram-se estéreis por falta de admiradores que as apreciassem. A Morte — todo-poderosa, implacável, destruidora — aproxima-se rapidamente! O que fazer? Ah, eu! Vejo que não resta outro refúgio senão os pés do Destruidor de Cupido.²²

84. Não faço diferença em substância entre Śiva, o Senhor do universo, e Vishnu, o Ser mais íntimo do universo. Mas ainda assim minha devoção está (apegada) àquele em cuja cabeça está a lua crescente [Śiva].

[Este *śloka* foi apresentado pelo poeta porque pode surgir uma dúvida na mente a partir do *śloka* anterior, onde o poeta diz que Śiva é o único Senhor em quem se deve refugiar. Aqui, o poeta afirma que, na realidade, não há diferença entre Śiva e Vishnu, mas ele é, por natureza, apegado a Śiva. Isso é o que se chama *lṣṭaniṣṭhā*, ou a devoção ao próprio ideal.]

85. Sentado em postura serena, durante as noites em que todos os sons se aquietam no silêncio, em algum lugar às margens do rio celestial que brilha com o fulgor branco da luz difusa da lua, e temendo as misérias do nascimento e da morte, clamando em voz alta ‘Śiva, Śiva, Śiva,’ ah! quando alcançaremos aquele êxtase caracterizado por copiosas lágrimas de felicidade contidas em controle interno?

86. Renunciando a todas as posses, com o coração transbordando de terna compaixão, lembrando o curso do destino que termina tão dolorosamente neste

²¹ Cessação das ilusões, e assim das preocupações, do mundo. Diz-se que este é o único fruto produzido pela perseguição deste voto, nomeadamente, o estudo da sabedoria Védica, sendo outros votos ordenados para produzirem frutos sob a forma de prosperidade mundana.

²² Shiva é assim chamado em referência ao episódio em que reduziu o deus Cupido (*Kama*) a cinzas na véspera de Seu casamento com *Gauri*.

mundo e, tomando como único refúgio a meditação aos pés de Hara (isto é, Śiva), Oh! passaremos, na floresta sagrada, noites iluminadas pelos raios da lua cheia do outono.

87. Oh, quando passarei os dias como um instante, morando às margens do rio celestial em *Varanasi*, vestido apenas com um *kaupīna* (tecido envolvendo a cintura) e com as mãos postas erguidas à frente, clamando: 'Ó Senhor de *Gaurī*, Destruidor de *Tripura*, Doador de todo bem, aquele de Três-olhos, tem piedade!'
88. Depois de banhar-me nas águas do Ganges e adorar-Te, ó Senhor, com frutos e flores imaculados, e após concentrar minha mente — ao lado de meu leito de pedra dentro da caverna da montanha — no objeto de minha meditação — bem-aventurado apenas no Ser, vivendo de frutos e devotado às palavras do guru — quando, ó Inimigo de Cupido, alcançarei, por Tua graça, a liberação da aflição que nasceu de servir ao homem próspero?
89. Ó Śiva, quando poderei eu, vivendo só, livre de desejos, com a mente em paz, tendo apenas a mão como recipiente para comer e os quatro quadrantes como vestimenta (isto é, nu), ser capaz de eliminar todo karma?
90. Aqueles que têm apenas as mãos para comer, que se contentam com comida mendigada, pura em si mesma, que repousam em qualquer lugar (isto é, não precisam de casa nem de leito), que veem o universo constantemente como se fosse quase uma folha de relva, que mesmo antes de abandonar o corpo experimentam a Bem-Aventura Suprema ininterrupta — para tais *yogis*, de fato, o caminho que é facilmente acessível pela graça de Śiva torna-se realizável. (O caminho, ou seja, de *mokṣa* ou liberação suprema.)
91. Se há um *kaupīna* (mesmo) gasto e esfarrapado cem vezes e um manto também na mesma condição, se alguém está livre de todos os pensamentos perturbadores, se há alimento obtido incondicionalmente ao mendigar, e dormir num crematório ou na floresta, se alguém vagueia sozinho sem qualquer impedimento ou obstáculo, se a mente está sempre calma, e se alguém está firme na felicidade jubilante do *yoga*, de que vale então o governo dos três mundos?

92. Pode este universo, que não passa de um mero reflexo, despertar cobiça nos sábios? Certamente o oceano não se agita com o movimento de um pequeno peixe.

[Assim como um peixe não pode causar ondulações no oceano, este universo, mera imagem na Consciência pura, não consegue incitar nos sábios – que nele se reconhecem – qualquer desejo de posse. ‘Orbe’ [universo] pode significar apenas uma esfera limitada, coisa irrelevante para o sábio.]

93. Ó Mãe Lakshmī (Deusa da riqueza), serve a outrem; não anseies por mim. Aqueles que desejam os prazeres mundanos estão sujeitos a ti, mas quem és tu para nós, que estamos livres de desejos? Agora, desejamos viver apenas dos alimentos obtidos mendigando, depositados – para sua purificação – em recipientes feitos com folhas de *palāśa*²³.

94. A terra é seu vasto leito, os braços seu amplo travesseiro, o céu seu dossel, a brisa suave seu leque, a lua outonal sua lâmpada, e, regozijando-se na companhia da abnegação como sua esposa, o sábio repousa feliz e em paz, como um monarca de glória imorredoura.

95. Eis o verdadeiro asceta: alimenta-se de esmolas, desapegado da sociedade humana, sempre livre em seus esforços (sem obrigações ou restrições externas), seguindo um caminho de indiferença quanto ao que abandonar ou ao que tomar; suas vestes gastas são feitas de trapos descartados nas ruas, e seu assento é uma cobertura obtida por acaso; está livre do orgulho e do egoísmo, ocupado apenas em desfrutar a felicidade que surge do controle da mente.

96. Quando abordados por pessoas que loquazmente expressam dúvidas e conjecturas – como “Será ele um *Chandāla*, ou um ‘duas vezes nascido’, ou um *Śūdra*, ou um asceta, ou talvez algum *yogi* supremo com a mente plena do discernimento da Realidade?” – os *yogis* seguem seu caminho, sem alegria nem descontentamento em suas mentes.

[O Chandala é desprezado [no antigo sistema de castas], situado além das quatro castas, enquanto o *Śūdra* pertence à quarta casta. Os *Brâmanes*, *Kshatriyas* e *Vaishyas* formam as três castas *twice-born* (duas vezes nascidos).]

97. Se até mesmo para as serpentes o Criador proveu o ar como alimento, obtido sem matar ou labutar; se os animais se contentam em pastar brotos de grama e repousar no chão; então para os homens – dotados de inteligência capaz de

²³ Os recipientes de *palāśa* são prescritos nos *Smṛtis* como purificadores dos alimentos neles colocados.

atravessar o oceano da existência transmigratória — também foi criado algum meio de subsistência assim; e aqueles que o buscam veem seus *gunas* inevitavelmente dissolvidos ao final.

[Quando as gunas – sattva, rajas e tamas – são reduzidas à inatividade do equilíbrio, o Yogi transcende māyā.

Alternativamente, o último verso pode ser interpretado como: “Mas, ao esquadrihar demais por esse sustento, todas as virtudes podem terminar.”]

98. Virão a mim aqueles dias felizes em que, à margem do Ganges, sentado na postura de lótus sobre uma pedra nos Himalaias, mergulharei em *yoga-nidrā* (isto é, perderei toda a consciência em *samādhi*, a perfeita concentração) resultante da prática constante da contemplação de Brahman, e quando antigos antílopes, sem temor algum, esfregarão seus corpos contra o meu?

99. Com a mão servindo de taça sagrada, com comida esmolada que vem ao vagar e nunca se esgota, com os dez quadrantes como amplo manto e a terra como leito fixo e espaçoso - benditos são aqueles que, tendo abandonado as múltiplas associações mundanas que uma atitude de desejo gera, e auto satisfeitos com um coração plenamente amadurecido pela aceitação da solidude absoluta, arrancam pela raiz todo o karma (isto é, a cadeia de causa e efeito que persiste quando ação e desejo na vida se sucedem).

100. Ó Terra, minha mãe! Ó Vento, meu pai! Ó Fogo, meu amigo! Ó Água, meu querido parente! Ó Céu, meu irmão! Eis minha última saudação a vós, com as mãos juntas! Tendo abandonado a ilusão com seu poder fascinante, através da amplitude do conhecimento puro - que brilha com os méritos cultivados em minha convivência convosco - agora me uno ao Supremo Brahman.

[Os termos de familiaridade e afeto dirigidos aos cinco elementos são apropriados, considerando o estágio final de despedida bem-aventurada alcançado pelo *yogi* através desses *tattvas* sutis (essências dos cinco elementos) que caracterizam fases intermediárias da prática de *yoga*.]

**Aqui termina o Vairāgya-Śatakam
(Cem Versos Sobre Renúncia)**